

DOCUMENTOS

A Conferência de Londres

(Explicações da Federação Metalúrgica de França)

O promotor desta conferência foi o cidadão Emilio Vandervelde, ministro de Estado da Bélgica, que confiou a sua organização material à secção britânica da Internacional socialista.

Realizou-se em Londres, a 14 de Fevereiro de 1915. Só foram convidados os partidos socialistas dos países aliados, filiados na Internacional política socialista, e a ela assistiram os cidadãos Marcelo Sombat, ministro das obras Públicas, e Emilio Vandervelde. A Conferência Geral do Trabalho francesa foi admitida porque os seus quatro delegados estavam compreendidos, incluídos, na delegação de doze membros—oito pelo partido socialista—que representavam a Secção francesa socialista e política da Internacional. A «General Federation» das uniões de officio inglesas não fora convidada por não pertencer à Internacional política socialista.

A Comissão executiva dos Metais, graças às informações dadas pelo seu representante na Comissão Confederal, não se iludira quanto ao carácter e fim desta conferência. Eis porque desde o início lhe foi hostil e incumbiu o seu delegado de depor uma ordem do dia repelindo qualquer participação da C. G. T. nessa conferência, cujo verdadeiro carácter era sublinhado pela presença de dois ministros.

A maioria confederal rejeitou a nossa resolução. Ao mesmo tempo, manifestava unanimemente o seu desejo de que o nosso delegado na Comissão, o camarada Merrheim, aceitasse fazer parte da delegação, para em Londres defender o nosso ponto de vista, por ele exposto na Comissão confederal.

O camarada Merrheim recusara, mas consultou-nos e nós achámos que não devia furtar-se a tal desejo. Foi, pois, a Conferência de Londres como representante da minoria confederal, mandado bem precisado pela ordem do dia que votámos e enviamos à C. G. T.

Certamente, a ordem do dia votada, no dia seguinte à Conferência, pelo grupo socialista parlamentar, dizendo que: «Conferência era necessária para melhor informar os nossos camaradas ingleses, fazer gorar as intrigas possíveis da diplomacia alemã, etc.», e a da Comissão administrativa permanente do Partido socialista a reforçá-la, declarando que com aquela moção o grupo parlamentar indicara *mui exactamente* o sentido da Conferência, deram razão aos temores formulados pelo nosso delegado, o camarada Merrheim, antes da Conferência. Na realidade, os promotores da Conferência queriam desarmar ou pelo menos atenuar a fortíssima oposição feita à guerra pelos nossos camaradas ingleses e especialmente pelos do «Partido Operário Independente».

Os congressos regionais do «British Socialist Party» e o Congresso nacional do «Independent Labour Party», recentemente celebrados, provaram que esse fim estava longe de ter sido alcançado.

Pela nossa parte, não lamentámos ter insistido muito vivamente com o camarada Merrheim para que ele consentisse em tomar parte naquela conferência. Declarando, em sessão da Conferência, que não votaria a resolução tal qual o relator da Comissão, o cidadão Vandervelde, a apresentava, obtendo que o nosso parecer—já afirmado na primeira alínea da resolução, dizendo que na guerra todos os governos têm um quinhão de responsabilidade.—fosse precisado mais, com mais clareza, ajustando-se que não se visava o *esmagamento político e económico da Alemanha*.

A nossa participação na Conferência foi, pois, eficaz, e se alguns pontos secundários dessa resolução—que os acontecimentos vão eliminando e não de eliminar completamente por si só dentro em breve—estão em oposição com a nossa atitude, nada renegamos do que o nosso delegado disse e fez em Londres, onde por unanimidade menos um voto, o do camarada Tchernoff, representante dumma tendência do Partido socialis-

ta revolucionário russo (1), foi aprovada a decisão seguinte:

A Conferência não pensa em contestar as causas gerais e profundas do conflito europeu, produto monstruoso dos antagonismos que dilaceram a sociedade capitalista e dumma política de colonialismo e imperialismo agressivos, que o socialismo internacional não cessou de combater e na qual todos os governos têm um quinhão de responsabilidade.

Mas a invasão da Bélgica e da França pelos exércitos alemães ameaça a existência das nacionalidades e atenta contra a fé dos tratados.

Nestas condições, a vitória do imperialismo germânico seria a derrota do esmagamento da democracia e da liberdade na Europa.

Os socialistas de Inglaterra, Bélgica, França e Rússia não visam o *esmagamento político e económico da Alemanha*. Não fazem guerra aos povos, mas aos governos que os oprimem. Querem que a Bélgica seja libertada e indemnizada. Querem que a questão da Polónia seja resolvida, conformemente à vontade do povo polaco, no sentido da autonomia no seio de outro Estado ou da independência completa. Querem que, em toda a Europa, da Alsácia-Lorena aos Balcãs, as populações anexadas pela força recuperem o direito de dispor livremente de si.

Inflexivelmente decididos a lutar até à vitória para realizar esta tarefa de libertação, não estão menos resolvidos a combater qualquer tentativa de transformar esta guerra de defesa numa guerra de co-quiças, que prepararia novos conflitos, e a não se entregar a os povos mais do que nunca ao duplo flagelo dos armamentos e da guerra.

Convictos de ter permanecido fiéis aos princípios da Internacional, exprimem a esperança de que em breve, reconhecendo a identidade dos seus interesses fundamentais, os proletários de todos os países se tornem a encontrar unidos contra o militarismo e o imperialismo capitalista.

A vitória dos aliados deve ser a vitória da liberdade dos povos, da unidade, da independência e da autonomia das nações, na Federação pacífica dos Estados Unidos da Europa e do mundo.

O ter a Conferência produzido a votação de tal moção, graças à oposição dos nossos camaradas ingleses do «Independent Labour Party», a qual se associou o nosso delegado, é um resultado que se deve reconhecer e que ultrapassa largamente o fim alvejado pelos seus «promotores».

Eis porque pedimos aos nossos aderentes, aos nossos militantes,

as organizações, que o registem como um grande passo dado em frente para uma acção internacional pela paz.

Pedimos-lhes que nos ajudem nos seus ambientes, onde quer que possam, para que o próximo passo seja uma Conferência internacional que inclua os delegados da Alemanha e da Áustria. Fazendo isto, afirmarão connosco a fidelidade aos nossos princípios, á nossa fé na Internacional operária. Está próxima a hora em que aqueles que tenham desde o primeiro dia abandonado esses princípios, para se associar com as forças más que triunfaram, não de lamentar amargamente o seu abandono e a sua falta de firmeza, assim como de dignidade moral.

Antes de se separar, a Conferência de Londres votou por unanimidade as resoluções seguintes:

Segunda resolução

Concluída a guerra, os operários de todos os países industriais deverão unir-se na Internacional afim de suprimir as diplomacias secretas, pôr fim á influencia dos interesses do militarismo e dos fabricantes de armamento e também estabelecer um organismo internacional capaz de resolver as contendas entre as nações com métodos de conciliação e arbitragem obrigatória, e afim de impor a todas as nações a obrigação de manter a paz.

Terceira resolução

A Conferência protesta contra a prisão dos deputados da Duma e contra a supressão dos jornais e as condenações dos jornalistas russos, assim como contra a opressão dos finlandeses, dos judeus e dos polacos russos e alemães.

(1) O mais importante dos partidos socialistas russos, «Partido Social-democrático Operário da Rússia», não foi convidado, embora fizesse parte da Internacional. O seu representante, o camarada Maximovitch, deixou a conferência sem ter podido ler a sua declaração. Os cidadãos Martoff e Lapinsky, em nome do Partido Social-democrático Operário da Rússia e do Partido Socialista Polaco, tinham enviado um declaração que não foi lida.

(De L'Union des Métaux, máio de 1915)

CAUSAS E EFEITOS DA GUERRA

...Durante os últimos vinte anos, o capitalismo alemão dirigiu-se num passo regular e contínuo para o sueste. A România, por exemplo, passou para a fiscalização económica e financeira dos alemães. Outro tanto se pode dizer da Turquia. O governo alemão preocupou-se mais com o caminho de ferro de Bogodad do que com a saúde ou educação dos cidadãos alemães. Esse movimento comercial e económico da Alemanha para o Oriente era para ela o meio de sair do seu beco económico.

O objectivo principal da diplomacia anglo-russa foi vedar-lhe o caminho. A Rússia não podia alcançar Constantinopla nem um caminho para o Mediterrâneo, enquanto a Alemanha preponderasse na Turquia. Se a Alemanha continuasse a avançar na via marcada pela ferrovia de Bagodad, em breve ameaçaria a Índia e os interesses ingleses da Pérsia. Por isso, os russos e os ingleses entenderam-se para subjugar a Pérsia. Os persas melhoravam rapidamente o seu regime político. Sem sombra de motivo, foi expulso Morgan Shuster, o especialista norte-americano chamado para reorganizar as finanças. As tropas russas ocuparam o país. Desde então, a Pérsia ficou sendo uma dependência da Inglaterra e da Rússia. Este estado de coisas tornava inevitável um conflito. O caminho da Alemanha estava definitivamente bloqueado.

Vieram as duas guerras balcánicas. A Turquia foi batida. Os sérvios, naturalmente sob a influencia russa, estavam vitoriosos. A influencia alemã via-se ameaçada. Crescera grandemente o perigo dum levantamento dos sérvios de Austria. Tal era a situação quando, em junho do ano passado, se tornaram tensas as relações entre a Austria e a Sérvia.

Os problemas que defrontavam a Alemanha nessa época eram da ordem mais grave. Os nossos que passaram muito tempo a denunciar os dirigentes alemães como os unicos agressores ganhariam muito se tentassem imaginar as alternativas que então se apresentavam. O capitalismo alemão desenvolvera-se continuamente com a aplicação perseverante dos métodos «pacíficos»

Se os alemães recusassem empenhar uma guerra, poderiam prosseguir no seu desenvolvimento do mesmo modo durante algum tempo. Todos os motivos de prudência devem ter tendido para os guiar por essa via.

Contra essa maneira de agir, havia o facto de o desenvolvimento nessa direcção ter um limite definido em consequência da administração da Pérsia pela Inglaterra e Rússia e da crescente influencia da Rússia sobre a Sérvia. Demais, a grande força que impedira a Rússia de tentar abertamente empolgar Constantinopla fora até ali a oposição inglesa. Mas agora que os governos da Inglaterra, França e Rússia representavam um só grupo de interesses capitalistas, tinham desaparecido as razões para a Inglaterra se opor ao plano da Rússia de obter um caminho para o mar. Pela primeira vez, tinha a Rússia as mãos livres para uma acção contra a Turquia. Este facto constituia uma nova ameaça ao desenvolvimento da Alemanha... Qualquer vista de conjunto da situação mostra á evidencia que o grupo anglo russo podia obter tudo o que queria, pacificamente; ao passo que os alemães só pela guerra o podiam fazer. Por isso, embora os alemães tenham sido no conjunto, menos agressivos que os seus adversários, foram obrigados a tornar-se, tecnicamente, os agressores. Evidentemente, as declamações inglesas de luta contra o militarismo e pelo ideal democrático não passam de pura hipocrisia.

O resultado evidente da guerra é o desenvolvimento rápido e prodigioso do capitalismo internacional tal como é representado pela Inglaterra e Rússia. Se o capitalismo era internacional antes da guerra, será mais alguma coisa quando estiver evacuada a ultima trincheira e terminado o eco da ultima bala. Não será só internacional: nada terá que ver com as nacionalidades. Ignorá-las há.

Falamos vagamente dumma extensão local como dum resultado possível da guerra. Haverá menos autonomia local de que em nenhum outro periodo da história do mundo.

O pior aspecto da situação é que a explosão de patrio-

tismo suscitada pela guerra tende a arrastar vastas fracções da classe operária na mesma corrente. Material e psicologicamente ao mesmo tempo, os trabalhadores perderam uma grande parte da sua força de resistência. A não ser que nos enganem todos os indícios, a democracia está em vias de perder terreno.

W. E. BOHN,

Guerra de invasão?

A guerra actual não pode chamar-se «guerra de invasão», no sentido geralmente dado á palavra. Não se trata dumna nação forte que se lança sobre outra débil, como fizeram a França, a Itália, a Espanha, e a Inglaterra na Africa; mas de duas alianças de nações, todas fortes e poderosas, que estão sempre de atalaia para tomar pela força o que cubicam e cuja inveja, cujo afã de preponderar determinou a guerra, por não estarem satisfeitas com o modo de repartir o saque. São lobos disputando entre si a presa, e quem sabe se não são apenas «agentes provocadores» que simulam inimidade, ódio recíproco, para obstar ao natural desenvolvimento do amor universal entre os trabalhadores, fazendo com que novamente rivalizem os que começavam a entender-se, reacendendo os ódios meio extintos entre filhos de nacionalidades diversas!

Como havemos de saber de veras quem são os invasores? Invasor, neste caso, é o que atravessa as suas fronteiras e penetra noutro país. Ora, ao começar esta guerra, não tiveram a França e a Rússia tanta pressa em entrar na Alemanha e na Austria, como a Alemanha em passar pela Bélgica, na crença de mais facilmente se introduzir em França?

Agora, por exemplo, deveríamos estar ao lado dos belgas e franceses na parte ocidental e ao lado dos alemães e austriacos na oriental, e amanhã, se os aliados chegam a entrar na Alemanha, deveríamos abandonar os aliados e passar para os alemães, e entrando os alemães na Rússia, pôr-nos ao lado dos russos. Não seria isto ridículo?

E não teríamos um momento de descanso, pois há muitos anos que são constantes as invasões verdadeiras, a dos povos fracos pelas nações fortes. Dir-me-hão que sempre combatemos as guerras coloniais, e é certo, como é também que sempre combatemos as de nação para nação; mas a nenhum dos nossos lhe ocorreu dizer: «o nosso dever é irmos ajudar os camponeses africanos, expulsar os conquistadores, que antes de tudo vão como exploradores do trabalho».

Pelo contrário: alguns dos que hoje nos excitam a nos incorporarmos nos exércitos aliados para repelir os invasores alemães—Krapotkine não, mas sim Tancredi e outros—diziam-nos que devíamos ir lutar contra os moiros, por serem gente incivil, meio selvagem, e por ser a Itália a portadora da civilização e da liberdade. E note-se que os italianos, assim como os belgas e franceses, não foram então mais humanos do que nesta guerra os alemães. Por muitas barbaridades que estes cometam, não puderão superar as que em Africa foram perpetradas.

PEDRO ESTEVE

Patriotismo e interesse nacional

Dizem que o sentimento nacional e patriótico é um facto, sendo por isso forçoso aceitá-lo.

Factos são também a religião, o crime, a miséria, a escravidão e mil aberrações individuais ou colectivas. Será, pois, necessário aceitar tudo e renunciar a qualquer esforço para o melhor?

O sentimento patriótico, quando não é simples excitação provocada no interesse dumna classe e quando realmente existe na alma popular, é bom ou mau segundo as circunstâncias: bom, se serve para animar a revolta contra o opressor que, por coincidência, é estrangeiro; mau, se leva a oprimir os outros ou a aceitar a opressão indígena. Mantém-se sempre sentimento inferior, que a civilização deverá substituir pelo sentimento largo da fraternidade humana, mas é respeitável e pôde evolver e alargar-se, quando reconhece e respeita nos outros o direito ao sentimento equivalente, isto é, quando, pedindo uma pátria para si,

sabe respeitar a pátria dos outros ou, melhor ainda, combater, como fizeram outrora os patriotas italianos, para ajudar os outros a reinvidicarem uma pátria. Desprezível, porém, e conducente aos mais horríveis crimes e ás mais miseráveis degenerações, quando serve para satisfação de criminosos instintos de rapina e de dominação. Os governos e classes dominantes servem-se do sentimento patriótico (como desse outro defeito humano que é o sentimento religioso) para melhor fazer aceitar pelo povo o poder deles e para arrastar o povo a guerras e empresas coloniais, de que eles tiram o proveito todo. E os seus teóricos dizem que, por cima da luta entre pobres e ricos, entre proletários e proprietários, há uma solidariedade nacional que une num sentimento e num interesse comuns toda a gente do mesmo país, todos os membros da mesma nação. Naturalmente, isto é doutrina para os sujeitos, pois os dominadores, esses tratam os seus compatriotas como carne de mactança, e colocam o seu dinheiro onde mais lhes rende, preferimos operários que mais produzem e com menos se contentam, compram e vendem no mercado mais vantajoso, cuidando apenas do seu lucro e em nada lhes importando os sofrimentos dos seus compatriotas.

Pôsse embora verdade—e ás vezes é, como sucede também nas relações entre as diversas províncias do mesmo Estado ou entre as diversas categorias de trabalhadores,—fosse embora verdade que do saqueio e exploração excessiva resulte alguma vantagem material para uma parte ou mesmo para todo o proletariado do país conquistador, nem por isso seria menos condenável a conquista, ou a cumplicidade na conquista dos que se dizem amigos dos trabalhadores, quer do ponto de vista superior da justiça e da liberdade humana, quer do dos interesses duradouros do mesmo proletariado, que por um momento pode ganhar, mas paga depois o delicto em moeda de servidão.

Um assassínio é sempre um acto atominável, degradando e embrutecendo quem o comete, embora o enriqueça... sem contar que ás mais das vezes tarde ou cedo vem a sair mau negócio.

EMILIO MALATESTA.

AOS CAMARADAS

Pelo último balancete publicado no nosso jornal viram os camaradas que o deficit de A Aurora ficou em 58\$97,5. O seu grupo editor estudando convenientemente o assunto foi de parecer que se abrisse uma subscrição voluntaria para o cobrir, no intuito, aliás louvavel, de acabar com essas cifras que bastante dificultam a existencia do nosso semanário.

Assim, dirige um caloroso apelo não só aos camaradas como aos grupos e associações de classe no sentido de contribuirem, na medida das suas forças, com qualquer quantia para ver se, por este meio, conseguimos tornar desafogada a vida de A Aurora.

Vários camaradas a quem expusemos a nossa ideia acorreram ao nosso apelo, contribuindo com as seguintes quantias, o que muito lhes agradecemos:

- E. Cardoso 2\$00
- A. Silva \$50
- A. Pereira \$20
- A. de Brito \$10

Soma 2\$80

Do nosso camarada Julio Carrasquinho recebemos 4 exemplares do folheto *O que querem os anarquistas* (Entre compezezes), os quaes serão vendidos a \$05. Os nossos agradecimentos.

Esperemos, portanto, que os camaradas não esqueçam o nosso apelo na certeza de que prestam um bom serviço á causa libertaria.